



Nota de Abertura

Rosa Neves Simas
Presidente da Mesa da Assembleia da UMAR

Questões de Género no Século XXI: Parte VIII

Neste outono do nosso descontentamento – parafraseando o título *O Inverno do Nosso Descontentamento* de John Steinbeck, por sua vez inspirado no “Now is the winter of our discontent” da peça *Richard III* de Shakespeare – vamos reflectir sobre a liderança no masculino que tem moldado o mundo numa forma cada vez mais chocante e preocupante.

Aspirante a czar imperial, Putin, enquanto teima em massacrar a Ucrânia, já raptou mais de um milhão de crianças e jovens ucranianos para serem, segundo o *Expresso*, integrados na máquina de guerra russa! Mais de um milhão!

Aspirante a Nobel da Paz, Trump continua a dizer e a desdizer, a manobrar, e a ser manobrado por Netanyahu e Putin, juntos, alimentando máquinas de guerra e de destruição humana e ambiental.

Raivoso contra María Corina Machado, a Nobel da Paz de 2025, Nicolas Maduro continua a reprimir o povo venezuelano e a asfixiar o que já foi o mais próspero país da América Latina. Na vizinha Argentina, o estilo arrasador de Javier Milei acaba de ser agraciado, no valor de US\$20 mil milhões, pelo bró ideológico agora a desgovernar os EUA, onde o governo está paralisado, e o caos sócio-político está ao virar de cada esquina.

Estamos em boas mãos! Mesmo assim, ouviram-se comentários nas autárquicas que tal-e-tal lugar “não está pronto para ser liderado por uma mulher” – mas isto quer dizer o quê?

Acabo de assinar o manifesto da International Sociology Association, que afirma, entre outras importantes tomadas de posição: Defendemos uma sociologia crítica que questiona as crescentes desigualdades e desafia o mito do *self-made man*, a ênfase simplista nos mercados e no consumismo e a masculinidade hegemónica, (Ver: A Time for Sociology.)

E agora ouço que morreu Francisco Pinto Balsemão, um Homem que veio a este mundo fazer, não o mal, mas o Bem. Paz à sua alma. ■

Retrato da Situação Atual da Mulher nos Açores

O 17 de outubro, *Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza* leva à visualização do feminino, da Mulher em condição desigual perante o Homem. Mesmo com o aumento de mulheres a completar o ensino superior, a precaridade no trabalho, a desigualdade nos rendimentos e a concentração feminina em profissões de baixa remuneração mantêm-se.

Nos Açores, com mais de 700 denúncias de violência doméstica em 2024, na maioria vítimas mulheres – dados apresentados pela RTP-Açores – a pobreza e a brutalidade continuam a aprisionar muitas açorianas em ciclos de exclusão. Esta violência não irá terminar enquanto persistirem as limitações de acesso à interrupção da gravidez, a disparidade salarial, a violação de direitos básicos em setores precários sem contratos laborais e proteção social, as licenças parentais desequilibradas, a falta de reconhecimento das descobertas nas STEM, bem como das contribuições e avanços nas áreas linguísticas, literárias, históricas e artísticas.

Ser mulher é saber que os nossos direitos não foram “herdados”, mas conquistados ao longo das últimas décadas. É “permitir”, muitas vezes de forma inconsciente, micro-agressões e assédio por parte de um professor ou patrão, e não fazer nada com medo de tornar a situação pior. É crescer numa sociedade em que a mãe educa o filho com o mesmo *machismo*

mo internalizado que critica no marido, no pai, e no desconhecido que lhe manda piropos na rua quando ela está sozinha, mas que a respeita quando passa acompanhada — tornando-a um *objeto* com dono.

A UMAR-Açores tem sido um refúgio e apoio que dá voz ativa à mulher açoriana na sua denúncia, lembrando que combater a *pobreza*

no feminino exige políticas públicas que enfrentem a desigualdade de estruturas. Erradicar a violência de género significa garantir autonomia, segurança e dignidade às mulheres. Enquanto isso não nos for garantido, a luta não poderá ser dada por concluída. ■

Inês Barcelos
Mestranda em Estudos Culturais



Janela para o Futuro

Valter Peres
Actor e Encenador

O Patriarcado Não é Inevitável, é Histórico, uma Construção Temporal

A condição feminina tem sido moldada, ao longo da história da humanidade, pelo Patriarcado, um modelo de organização social que privilegia o domínio do homem em praticamente todas as áreas, não como uma construção temporal, mas como uma configuração historicamente produzida e culturalmente legitimada.

Com a emergência do Feminismo Moderno começou a questionar-se

o Patriarcado enquanto estrutura de poder e, sobretudo, na segunda metade do século XX, pela primeira vez na história, em muitas sociedades, as mulheres começaram a ser escutadas.

É, no entanto, com preocupação e tristeza, que assistimos hoje a um ressurgimento de discursos e políticas que ameaçam os avanços das últimas décadas. Em nome de uma suposta neutralidade ideológica ou da defesa de valores tradicionais, assistimos à tentativa de reverter

direitos e banalizar a desigualdade de género. O Patriarcado, longe de desaparecer, adaptou-se, vestiu-se de memes irónicos, algoritmos enviesados e discursos populistas, relativizando o machismo e romantizando-o como ordem natural.

A história tem-nos ensinado que podem ser perdidos os direitos conquistados e que tnhamos como seguros, e que a liberdade só se preserva com vigilância ativa.

Não terminou, pois, a luta pela igualdade. ■